



KnoWhy #684

Agosto 25, 2023



Como Paulo entendia a fé?

*“Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça?
Sim, porém a justiça que é pela fé”.*

Romanos 9:30

O conhecimento

A fé é um elemento essencial da vida justa frequentemente enfatizado nos escritos de Paulo. A importância da fé em Jesus Cristo também foi mencionada repetidamente por profetas modernos, incluindo Joseph Smith, que declarou ser um dos primeiros princípios básicos do Evangelho (ver Regras de Fé 1:4). Sem a fé, não seríamos capazes de acessar plenamente a graça salvadora de Jesus Cristo nem colher todas as recompensas da vida eterna que Ele nos oferece.

Como é de se esperar, as antigas discussões de Paulo sobre a fé têm significados mais ricos e profundos do que podem ser prontamente traduzidos para o português. A palavra fé, como aparece na versão do King James do Novo Testamento, é uma tradução da palavra grega *pistis*, que é melhor entendida em termos da relação patrono-cliente da antiguidade, assim como a graça. Brent J. Schmidt observou que,

em todo o mundo greco-romano, *pistis* “significava conhecer e compreender o próprio patrono e desenvolver um relacionamento baseado na fidelidade [a esse patrono] que idealmente levava a um relacionamento vitalício”. Como tal, muitos exemplos de *pistis* no Novo Testamento podem ser traduzidos com mais precisão como “lealdade” ou “fidelidade”, refletindo melhor esse entendimento no relacional.

Essa visão também se refletia em muitas atitudes greco-romanas em relação ao vínculo dos seres humanos com seus deuses, considerando-os como patronos que forjavam relacionamentos com os mortais, muitas vezes para sua melhoria. Para Paulo e outros apóstolos e autores do Novo Testamento, a fé também se referia ao nosso relacionamento com o Pai Celestial, o único Deus verdadeiro. De acordo com Schmidt, “o discípulo cliente entende que Deus é o patrono, mostra fidelidade a Ele e desenvolve um

relacionamento com Ele”. Esse relacionamento é mutuamente benéfico, pois Deus deseja um relacionamento mais próximo conosco e é continuamente fiel em relação às Suas promessas, e nós somos fiéis e leais a Ele.

O relacionamento é formado quando fazemos convênios bilaterais com Deus, que, em última análise, são para nosso benefício, pois “[f]iel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor” (1 Coríntios 1:9; cf. 1 Tessalonicenses 5:24). Assim como Deus é fiel aos termos do convênio, Ele espera que todos os que se achegam a Ele compartilhem essa fidelidade a Ele, não aceitando “lealdades divididas”. Os discípulos devem ser fiéis apenas a Deus, o Pai, e a mais ninguém”.

Este mandamento de ser fiel somente a Deus foi expresso em termos inequívocos por Paulo e pelo próprio Jesus: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mateus 6:24; cf. 1 Timóteo 6:9-10). Todos os cuidados deste mundo, inclusive dinheiro e riquezas, não devem se interpor entre nós e o Senhor se esperamos manter um relacionamento fiel com Ele e receber as bênçãos que Ele nos prometeu.

Como a lealdade é necessária para um bom discipulado, a fé nunca pode ser reduzida a uma crença passiva no Senhor; requer ação constante para demonstrar nossa lealdade e amizade com Deus. Assim, Paulo disse aos filipenses que eles deveriam “esta[r] num mesmo espírito, com o mesmo ânimo combatendo juntamente pela fé do evangelho” (Filipenses 1:27). Paulo ensinou de forma semelhante em Romanos 9:30 que “os gentios, que não buscavam a justiça” em tempos passados tinham agora “alcança[do] a justiça [...] Sim, porém a justiça que é pela fé”, ou a fidelidade aos seus convênios feitas inicialmente no batismo. Esta lealdade é discutida e demonstrada longamente em Hebreus 11. Após declarar que “a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem”, o autor de Hebreus lista muitas pessoas que demonstraram sua lealdade ao Senhor fazendo e guardando convênios com Ele (Hebreus 11:1). Nessa lista estão indivíduos justos, como Abel, Enoque, Noé, Abraão, Sara, Isaque, Jacó e Moisés, bem como inúmeros outros que estimaram “o vitupério de

Cristo” mais do que qualquer recompensa terrena (Hebreus 11:26). Devido a essa lealdade, eles poderiam ter certeza de que o Senhor os entregaria a “uma [patria] melhor, isto é, a celestial. Pelo que também Deus não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade” (Hebreus 11:16).

O porquê

Para Paulo, a fé em Cristo era mais do que apenas uma crença passiva. Ela refletia um compromisso profundo e centrado na ação. De acordo com Schmidt, “a obediência era a resposta adequada à pistis relacional que caracterizava as relações patrono-cliente centradas em Cristo, conforme explicado na epístola de Paulo aos Romanos”. Embora teólogos posteriores declarassem que a fé era uma crença abstrata, passiva ou mística que não exigia nenhuma ação de nossa parte, a compreensão relacional da fé seria restaurada por meio de Joseph Smith no Livro de Mórmon e outros ensinamentos e revelações inspirados dados por meio dos profetas dos últimos dias.

Como em Hebreus 11, Morôni ensina no Livro de Mórmon que “todos os que creem em Deus podem, com segurança, esperar por um mundo melhor, sim, até mesmo um lugar à mão direita de Deus, esperança essa que vem pela fé e é uma âncora para a alma dos homens, tornando-os seguros e constantes, sempre abundantes em boas obras, sendo levados a glorificar a Deus” (Éter 12:4; ênfase adicionada). A lealdade e a fidelidade ao convênio permitiram que o povo justo do Livro de Mórmon encontrasse o Salvador ressuscitado, se libertasse da escravidão, fosse batizado com fogo e o Espírito Santo e ascendesse à presença de Deus. A fé é “o princípio de ação e poder” que deve ser exercido em tudo o que fazemos. Ao mesmo tempo, Deus declarou que “a salvação é o efeito da fé, [e] que sem fé é impossível agradar a Deus”. Ao mesmo tempo, Deus declarou que “esta é minha obra e minha glória: Levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem” (Moisés 1:39). Portanto, enquanto continuarmos a exercer fé em Jesus Cristo e em Sua Expição, podemos ter certeza de que Deus sempre será fiel a nós. Por meio de nossa lealdade e amizade, podemos entrar novamente em Sua presença e desfrutar de relacionamentos eternos com Ele e com todos os fiéis (D&C 76:53).

Leitura complementar

Brent J. Schmidt, *Relational Faith: The Transformation and Restoration of Pistis as Knowledge, Trust, Confidence, and Covenantal Faithfulness* (Provo, UT: BYU Studies, 2022), pp. 49–66.

© Central do Livro de Mórmon, 2023



Notas de rodapé

1. Para uma discussão sobre os pontos de vista de Paulo sobre a graça de Cristo, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon Central, “O que a graça significava para Paulo? (Romanos 3:23–24)”, KnoWhy 683 (15 de agosto de 2023).
2. Brent J. Schmidt, *Relational Faith: The Transformation and Restoration of Pistis as Knowledge, Trust, Confidence, and Covenantal Faithfulness* (Provo, UT: BYU Studies, 2022), p. 49.
3. Schmidt, *Relational Faith*, pp. 49, 52–53, 56.
4. Schmidt, *Relational Faith*, p. 63.
5. Schmidt, *Relational Faith*, p. 66.
6. Ver Schmidt, *Relational Faith*, pp. 119–134, para mais informações sobre o assunto.
7. Ver Êter 12:7–22. Para uma lista de milagres realizados pela fé, ver Tradução de Joseph Smith, Gênesis 14:11, disponível em Kent P. Jackson, ed., *Joseph Smith’s Translation of the Bible: The Joseph Smith Translation and the King James Translation in Parallel Columns* (Provo, UT: Brigham Young University Press; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2022), p. 77.
8. Lectures on Faith 7:2.
Embora as Dissertações na Fé tenham sido tradicionalmente relacionadas a Joseph Smith e Sidney Rigdon, a autoria dessas dissertações ainda não está clara. Ver, por exemplo, Larry E. Dahl, “Authorship and History of the Lectures on Faith”, em *The Lectures on Faith in Historical Perspective*, ed. Larry E. Dahl e Charles D. Tate Jr. (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1990), pp. 1–21; Noel B. Reynolds, “The Case for Sidney Rigdon as Author of the Lectures on Faith”, *Journal of Mormon History* 31, no. 3 (2005): pp. 1–41; Wayne A. Larsen, Alvin C. Rencher e Tim Layton, “Who Wrote the Book of Mormon? An Analysis of Wordprints”, *BYU Studies Quarterly* 20, no. 3 (1980): p. 229.
9. Lectures on Faith 7:17; ver Hebrews 11:6.